

Educar para a sensibilidade

*As aventuras e estórias de um
Bem-te-vi contador*



*Mayra Lopes Nogueira e
Icléia Albuquerque de Vargas*

Educar para a sensibilidade

*As aventuras e estórias de um
Bem-te-vi contador*

*Mayra Lopes Nogueira e
Icléia Albuquerque de Vargas*



Sumário

<i>Preâmbulo</i>	8
<i>Parte 1 - Produção literária dos alunos da Escola Jatobazinho</i>	10
9 - Sordinho e a Ema - Alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental.....	12
10 - A Arara-azul quer ser feliz - Alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental.....	14
11 - O pescador e o Tuiuiú - Alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental.....	16
12 - Ninho de passarinho-raro - Alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental.....	18
13 - A Gralha - Alunos do 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental.....	20
<i>Parte 2 - Produção literária dos alunos da Escola LAMPC</i>	22
14 - Jesus cuida do Joãozinho- Alunos do 1º ao 5º Ano da Escola LAMPC.....	24
15- O ninho de Bem-te-vi - Alunos do 6º ao 9º Ano da Escola LAMPC.....	26
16 - A Arara-azul no Acuri - Alunos do 6º ao 9º Ano da Escola LAMPC.....	28
17 - Tuiuiú - Alunos do 6º ao 9º Ano da Escola LAMPC.....	30

<i>Parte 3 - Contos utilizados na produção pelas pesquisadoras</i>	32
1 - Joãozinho, o João-de-barro - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	34
2 - Pepito, o Periquito-de-encontro-amarelo - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	37
3 - Tucano- <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	40
4 - Arara-Azul - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	43
5 - Curió, curioso - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	46
6 - Coruja-caburé - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	49
7 - Gralha-do-Pantanal - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	52
8 - Albinha, a Garça-branca - <i>Mayra Lopes e Maristela Benites</i>	55
<i>Parte 4 - CD- Rom Encartado</i>	58
19 - Índice - Pesquisa, Registros, Atividade pedagógicas.....	60
<i>Posfácio</i>	62
<i>Agradecimentos</i>	64
<i>Ilustrações</i>	66

Preâmbulo

É com grande satisfação que apresentamos esse produto, por considerarmos um rico livro de contos infantis que poderá ser manuseado por professores e alunos, pois contém histórias que sensibiliza o leitor a observar o Meio Ambiente com um olhar mais perceptivo, atribuindo valores e importância às relações homem e natureza. As histórias desenvolvem o pensamento reflexivo, crítico e consciente, do leitor, diante das problemáticas ambientais apresentadas, contudo sem perder a seriedade e o gênero literário infantil. Esse material pedagógico propõe-se a aprimorar, no público infantil, os conhecimentos relacionados a biologia das Aves e incorporar ações e valores da educação ambiental, bem como ser uma ferramenta didático-pedagógica ao ensino de ciências naturais e/ou educação ambiental.

O livro de contos infantis ora apresentado, é o produto da Dissertação Final para a conclusão do Curso de Mestrado em Ensino de Ciências, linha de pesquisa em Educação Ambiental, sob a orientação da profa. Dra. Icléia Albuquerque de Vargas, apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A Dissertação intitulada “Vivências na natureza, produção e contação de histórias das aves do Pantanal: estratégia pedagógica para o ensino de ciências e educação ambiental”, investigou as contribuições para a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Rural Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e extensões (LAMPC), e Escola Jatobazinho - escolas pantaneiras do município de Corumbá, MS -, proporcionadas por atividades de vivências na natureza, produção e contação de histórias inéditas sobre aves pantaneiras, no âmbito do ensino de ciências naturais e educação ambiental.

Inicialmente para a contação de histórias da pesquisa, foram utilizadas as produções inéditas de histórias criadas pelas pesquisadoras Mayra Lopes Nogueira e Maristela Benites, como forma de sensibilização e percepção ambiental, que desenvolveram, nos educandos, ações e valores da educação ambiental em defesa do Meio Ambiente. As histórias apresentavam as belezas da região Pantaneira, com características da Fauna e Flora; para atrair a atenção das crianças, as histórias tinham como narrador um personagem que faz parte do grupo biológico das Aves, sendo conhecido como Bem-te-vi, que pelo seu nome o tornou contador de histórias que mostrava as problemáticas ambientais enfrentadas na região do Pantanal, bem como as soluções ou apenas reflexões que findariam ou reduziriam o problema existente. O Bem-te-vi é um ave bastante visualizada e que está presente nas lendas da região Pantaneira.

Durante a pesquisa, os alunos produziram histórias autênticas e inéditas, como uma forma

avaliativa de seus aprendizados. As histórias foram produzidas de forma coletiva com a participação de todos os alunos, em suas respectivas salas. No presente livro, as histórias produzidas pelos educandos, mantiveram a escrita cuidadosamente conforme as falas deles, em aulas, tendo somente uma interferência ao final de cada história com a frase “E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi!””, para dar ênfase aos alunos que são histórias que apesar de serem fictícias, contadas por um personagem, apresentam características da realidade ambiental, cultural, histórica e social deles.

A pesquisa foi trabalhada e baseada em uma vertente pedagógica libertária, defendida por Paulo Freire, e Jerome Bruner. Paulo Freire defende o diálogo em aula; o pensamento crítico e reflexivo; a práxis educativa; a conscientização; alunos com participação ativa nas aulas; alunos dotados de saberes e conhecimentos à serem compartilhados; situações do cotidiano inseridas nos conteúdos ministrados; identificação das problematizações; e transformação da realidade. Jerome Bruner buscou explicar como as crianças representavam o mundo com a qual interagiam, resultando em ferramentas úteis para se trabalhar com o desenvolvimento cognitivo das crianças em suas diferentes idades, utilizadas para a contação de histórias.

Quatro partes compõem o material: A primeira parte consiste das histórias produzidas pelos alunos da Escola Jatobazinho durante a pesquisa; a segunda parte consiste da produção literária dos alunos da Escola LAMPC; a terceira parte apresenta as produções literárias das pesquisadoras; e por fim, a quarta parte contém um CD encartado, com o registro de todas as atividades desenvolvidas na pesquisa que resultou nesse produto de contos infantis.

O presente material pedagógico é uma produção inspirada nos livros “ Educação Ambiental: Gotas de saber: reflexão e prática” desenvolvido por pesquisadores e educadores ambientais de universidades de Mato Grosso do Sul, e no conto infantil “O roubo das conchinhas” de Flávio Henrique Caetano.

As crianças juntamente com seus professores gostarão, com certeza, de caminhar pelas regiões pantaneiras, e encontrarem soluções para a defesa de tamanha beleza e biodiversidade, por meio do prazer da leitura desses contos infantis.

*Produção literária dos alunos da
Escola Jatobazinho*

SORDINHO E A EMA



SORDINHO E A EMA

Alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez, o Bem-te-vi que tudo vê, viu a ave Ema andando em um Campo aberto, no Pantanal, e onde ela andava tinha capim bem verdinho e não tinha muitas árvores grandes, só pequenas, e era de tarde. Acho que elas ficavam comendo algo no capim, algum bichinho ou folha mesmo, porque elas andam devagar, muitas vezes param e ficam olhando para a frente, mas sempre bicam algo no chão. A Ema é bem grande, bem maior que as crianças que tem nas escolas, ela tem um pescoço bem alto, não tem asas, elas não voam, mas correm muito porque suas pernas são bem altas e tem três dedos grandes, e não é igual dos passarinhos.

Essa ema estava cuidando do seu ninho, que tinha um monte de ovinhos grandes. Um homem que se chamava Sordinho, foi chegando perto dela bem devagar para não fazer barulho e ficou bem quietinho, pois ele queria pegar e prender ela. Mas ninguém consegue enganar a Ema. Então ela viu o Sordinho e correu muito, porque é o que ela mais sabe fazer, que ninguém consegue pegar ela. A ema é muito rápida, e o Sordinho correu atrás dela, porque ele achou que conseguiria pegar, mas ele ficou cansado e parou no meio do caminho.

Então a ema ficou feliz e o Sordinho triste por não conseguir a prender. E se o homem voltasse a ficar perto do seu ninho ou mexer com seus filhotes, dessa vez ela iria expulsar ele com bicadas, porque é feio fazer mal para os animais.

“E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

A ARARA-AZUL QUER SER FELIZ



A ARARA-AZUL QUER SER FELIZ

Alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o Bem-te-vi contador de estórias, contou que uma arara-azul estava voando pelo Pantanal. No Pantanal ela passou por muitas árvores e plantas, porque nesse lugar tem muitos tipos, como por exemplo: o Pé de Siriguela, que é um fruto muito gostoso; assim como o Pé de acerola; pitanga; bocaiúva que os periquitos e as Araras comem; Acuri que a Arara come; Jatobá, Castanha; goiaba; manga; Mangaba; banana; Jenipapo que os Tucanos e Arancuã comem muito; e tem muitas plantas não somente na terra, mas no rio Paraguai também.

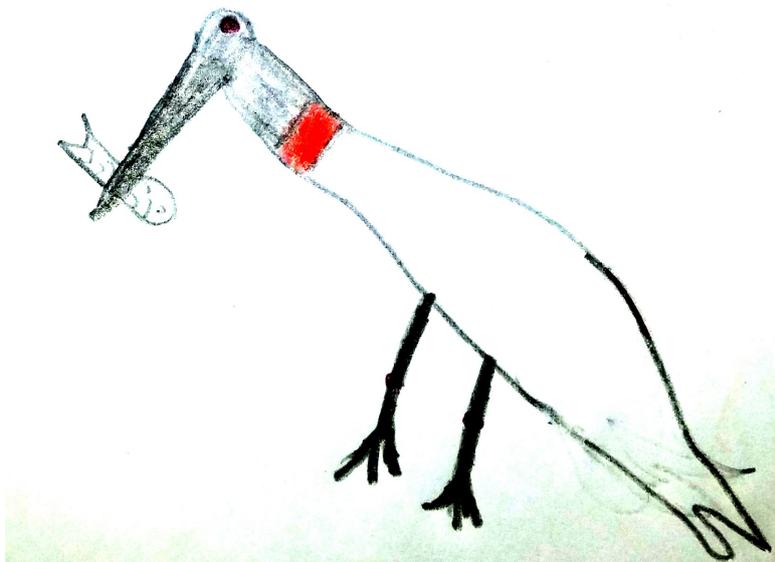
A Arara sempre pousava em um Manduvi, onde estava o seu ninho com seus filhotes, bem no tronco dessa árvore. Depois de alguns dias quando ela foi ver seus filhotes, ela escutou o barulho de um motosserra de longe, e não deu tempo de salvar eles, foi cortada a árvore que estava seu ninho. Então ficou voando por aí muito triste por perder sua família e sua casa, e ela amava muito eles.

Então a Arara voou para longe, para outras bandas do Pantanal, e tentou novamente ter uma nova vida, e depois de muito tempo teve outros filhotes, mas teve outra tristeza, porque durante uma noite, enquanto ela dormia e cuidava do ninho, pessoas ruins chegaram bem quietinhos, e sem como sair todos eles foram presos em caixas e depois ela foi colocada em uma gaiola sozinha. Mas logo foram soltas, porque outras pessoas boas as encontraram, e os colocaram novamente na Natureza. Então a Arara voou feliz, sendo livre de novo, e depois disso ela viveu sem ninguém mais fazer mal para ela.

As araras são lindas, ela é toda azul, menos o bico que tem uma parte amarela, são bem barulhentas e cantam “Raa, ra”, elas deixam esse lugar mais bonito. Não deveriam existir pessoas ruins, mas somente pessoas que gostam dos animais e do Pantanal.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

O PESCADOR E O TUIUÚ



O PESCADOR E O TUIUIÚ

Alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o bem-te-vi contou a estória de umas crianças que observavam um Tuiuiú que estava no Rio Paraguai se alimentando de peixes, no Pantanal, bem pertinho de suas casas, de tarde. As crianças disseram que o Tuiuiú era grande, bem maior que eles, mas eles não tinham medo dele, mas também não chegavam muito perto porque elas sabiam que ele iria voar. Elas sempre viam o Tuiuiú se alimentar, e ele sempre pegava peixes. Em alguns dias era engraçado e chato também, porque enquanto os pais das crianças demoravam para pegar um peixe, e também quando elas mesmos decidiam pescar um pequeno com a varinha, e não conseguiam, o Tuiuiú já tinha pegado um monte para comer na beira do Rio.

O Tuiuiú tem também uma cor preta na cabeça e no bico, tem pernas pretas, algo que parece uma bola vermelha na garganta, e tem o corpo com penas brancas, e tem asas bem grandes. E para pescar os peixes, ficam parados olhando para a água, e ficam até conseguir bicar um.

Um dia apareceu um barco, perto da casa das crianças, e tinha pessoas que não era do Pantanal, estavam ali para pescar e tirar fotos porque o Pantanal é muito bonito, e tem muitos bichos. Então o homem que estava no barco foi chegando perto do Tuiuiú para tirar foto, as crianças já pensaram que o Tuiuiú iria voar, e foi o que aconteceu, o Tuiuiú assustou e voou para longe.

As crianças sempre veem as pessoas tentarem se aproximar do Tuiuiú para tirarem fotos, mas eles não deveriam, tinham que deixar eles comerem seus peixes e não ficarem assustados e irem embora. E se eles precisarem pegar bastante peixe e levar no ninho para seus filhotes? Como eles vão fazer isso se fazem eles irem embora quando estão pescando? Tem que deixar o Tuiuiú ficar bem na Natureza e não ficar perto dele para ele comer bem e levar para seus filhotes também.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

NINHO DE PASSARINHO RARO



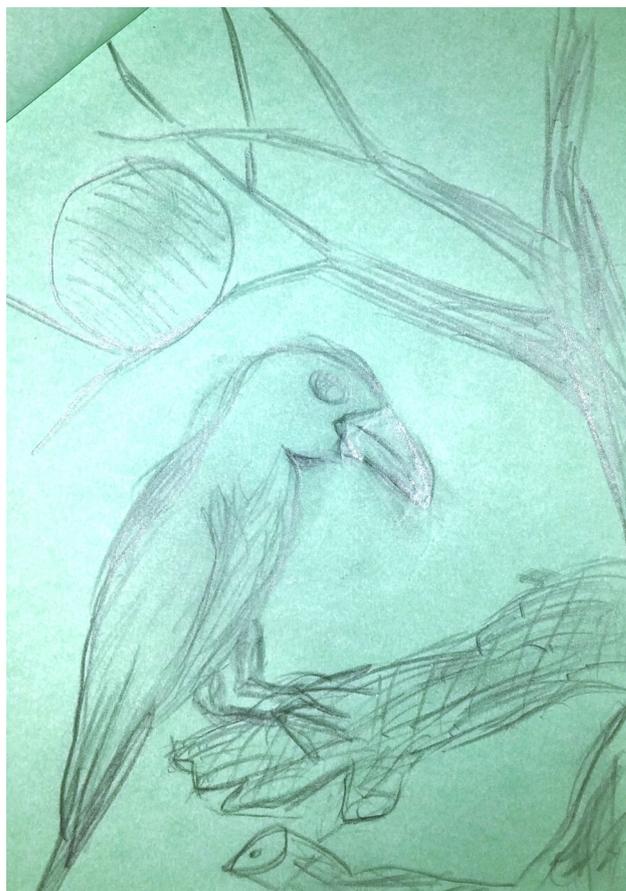
NINHO DE PASSARINHO RARO

Alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o Bem-te-vi contou que uma menina foi juntamente com seu pai e tio para cortar uma árvore, no Pantanal, porque ele trabalhava com madeira. Nesse dia, a menina viu um ninho de passarinho raro na ponta do galho da árvore que iria ser cortada. Então a menina tentou pedir para seu pai para não cortar aquela árvore, mas ele não a ouviu. Mas por sorte quando a árvore estava sendo cortada, o galho caiu, e ela correu para pegar o ninho, e os ovinhos não tinham quebrado ainda. Quando seu pai viu o ninho nas mãos dela, ele ficou triste na hora e olhou para sua filha e fez uma promessa, ele prometeu que iria cuidar mais dos ninhos, para que os passarinhos e ela pudessem ficar sempre mais felizes. Então a menina colocou o ninho em outra árvore em um lugar próximo, para a mãe do filhote o achar, e ela ficou muito, mas muito feliz.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

A GRALHA



A GRALHA

Alunos do 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o bem-te-vi contador de histórias viu do alto uma gralha que pousava em uma árvore próximo a um galinheiro, que tinha no quintal de uma casa. A casa era de madeira, tinha um quintal bem grande, cheio de árvores bonitas. Nessas árvores, principalmente no Pé de Manga tinham muitos pássaros que cantavam nas manhã e tardezinhos. A casa fica bem pertinho do rio Paraguai, no Pantanal, que tem muitos peixes deliciosos. As crianças dessa casa sempre brincavam no rio tomando banho e em outras horas subiam nas árvores para comerem frutas. Nesse quintal tinha muitas frutas, como a acerola, goiaba, mamão, laranja, banana, ingá, jatobá e bocaiúva, frutas que as crianças diziam ser muito gostosas. Tinham brincadeiras legais naquele lugar, que as crianças chamavam de pega-pega, pique no alto das árvores e esconde-esconde, elas eram divertidas e não machucavam, e sempre brincavam quando não estavam ajudando a mamãe delas.

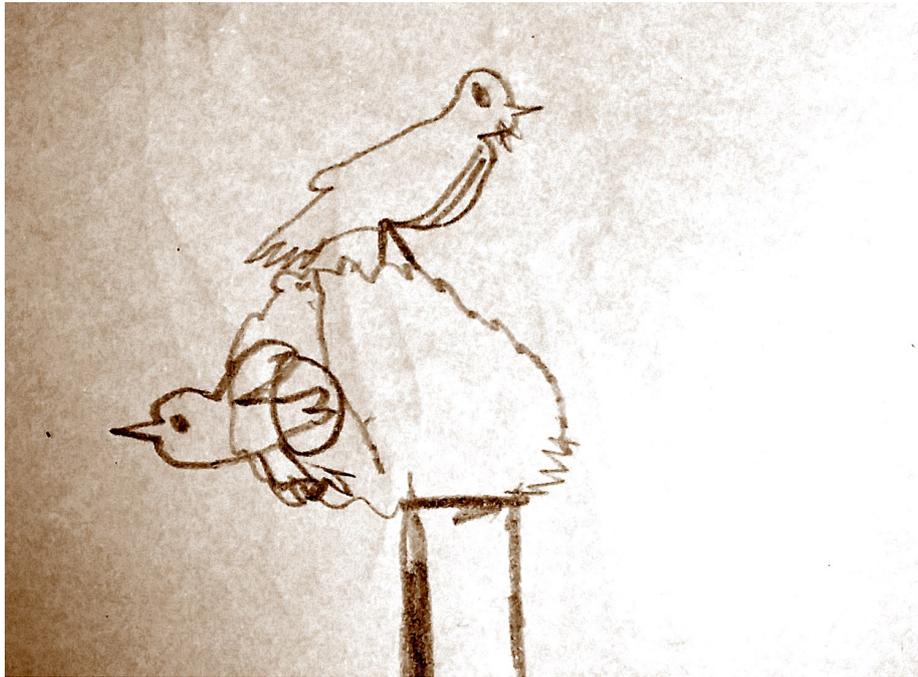
Mas um dia, o dono da casa ficou furioso, muito bravo porque os ovos que eles comiam estavam sumindo, porque a galinha não estava botando somente no galinheiro, mas também em outros lugares que elas escondiam os ovos. As Galinhas botam ovos, e as pessoas prendem elas para que cresçam e para que algumas delas virem comida, mas elas também protegem as casas de bichos que machucam e matam, como as cobras e escorpiões, porque elas comem todos os bichos que ficam na terra. Então é bom ter galinhas perto de casa, ainda mais quando as crianças da casa tem irmãos que são bebês.

Então o pai das crianças ficou procurando os ovos, e ouviu a Gralha-azul, e descobriu que era ela quem comia os ovos. Ele ficou bravo e disse que iria matar todas as Gralhas que ele visse no seu quintal. Enquanto esse pai esperava a gralha chegar, ele viu ela de longe pousar sobre uma árvore, então ele foi chegando perto dela e viu um ninho com filhotes e desistiu de a matar. Depois disso ele disse as crianças que não ficaria mais bravo e que iriam comer outras coisas naquele dia. Então as crianças principalmente ficaram bem felizes, porque elas acham que não podem matar os pássaros do mato.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

*Produção Literária dos alunos da
Escola LAMPC*

JESUS CUIDA DO JOÃOZINHO



JESUS CUIDA DO JOÃOZINHO

Alunos do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez, em uma manhã, o Bem-te-vi pousou em uma árvore, e viu perto dele o Joãozinho em sua casinha de barro. O Joãozinho disse para ele bem feliz que dentro da casinha dele, muito tempo atrás morou Jesus. A casinha do Joãozinho é redondinha, tem uma portinha e é toda feita de barro que a Joana, a mulher dele, ajudou ele fazer. Tem muitas casinhas de Joãozinho no Pantanal, ela é diferente da dos outros passarinhos, porque não é feita de pauzinho ou capim. O Joãozinho também é igualzinho aos outros passarinhos, mas tem uma cor diferente e anda diferente e ele come minhoca. Ele é todo marrom e anda bem devagar na terra.

Um dia um menino foi jogar pedra na casinha do Joãozinho, porque ele não sabia que Jesus morou lá dentro para fugir das pessoas ruins que queriam matar ele um dia, mas quando ele chegou em casa ele ficou doente, então a mamãe dele teve que dar chá para ele, mas ele não melhorou e morreu.

Depois disso a Mamãe das crianças que tinha no Pantanal disse não pode atacar pedra na casinha do Joãozinho, porque Jesus cuida deles, ele ama o Joãozinho e também os outros bichos, e as árvores também, então se fazer mal para eles, Jesus não gosta e aquele que atacou a pedra fica doente. E o Joãozinho fica feliz no Pantanal que é muito bonito.

O Pantanal é muito bonito porque tem passarinhos como o Joãozinho; onça; peixes; um monte de borboletas amarela, azul e branca; e tem muitas árvores; tem cachorro que anda com as crianças para cuidar que nenhum bicho morda elas; e tem também um rio que dá para brincar e pescar. Ninguém pode fazer mal para o Pantanal.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

O NINHO DE BEM-TE-VI



O NINHO DE BEM-TE-VI

Alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o Bem-te-vi contador de estórias viu duas meninas que gostavam muito de pássaros, de observar os seus ovinhos ao visitar os seus ninhos, sem as tocar com suas mãos, mas somente admirando. Os ninhos são diversos, existem de todos os tipos e formas, sendo os que são feitos de gravetos como os dos bem-te-vis, os de barro como os do João-de-Barro, e também existem os ninhos nos troncos das árvores como os da Araras-azuis, e muitos outros.

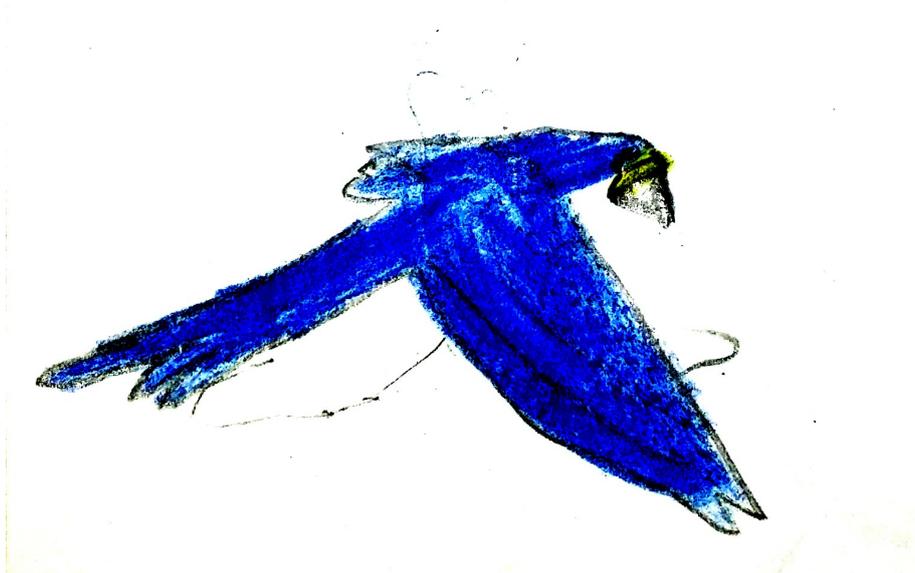
Em um belo dia, no Pantanal, em que se ouvia os cantos dos muitos pássaros, via as lindas árvores como o Paratudo com flores amarelas, as piúvas rosas, os tarumãs roxos, os Carandás, as Palmeiras, as Figueiras, a árvore de Jenipapo, e todas as outras coisas que tem no Pantanal que as meninas achavam lindas e se encantavam, então elas caminhando na estradinha de terra, viram de longe um bem-te-vi que chamou a sua atenção. O canto do bem-te-vi é lindo e diz o nome dele, ele tem faixa de penas pretas na cabeça e depois nos olhos, sua cor é marrom, mas seu peito é amarelo. Elas ficaram um tempão paradas observando tudo o que ele fazia e como ele era, e quando ele voava elas iam atrás dele, foi quando elas descobriram o seu ninho.

As meninas ficaram felizes por descobrir o seu ninho e principalmente por ver que nele havia três ovinhos de Bem-te-vi. Então elas foram para as suas casas, mas todos os dias elas combinavam de ver o ninho, para saber se os ovinhos haviam quebrados e os filhotinhos nascidos. Passaram-se alguns dias, mas no dia em que elas foram ver o ninho, os ovinhos já haviam se quebrado e os filhotes nascidos, porém para sua tristeza e não alegria, um dos três estava morto, e elas o pegaram e tinha um pedacinho bem pequeno de sacolinha plástica no bico dele.

Elas ficaram tão felizes em ver os outros dois filhotinhos, mas ao mesmo tempo tristes também, por saber que um deles havia morrido, e que infelizmente elas sabiam que a culpa eram das pessoas, pois são as pessoas que poluem a Natureza com seu lixo, que as vezes é sem pensar, mas infelizmente acontece.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

A ARARA - AZUL NO ACURI



A ARARA-AZUL NO ACURI

Alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental

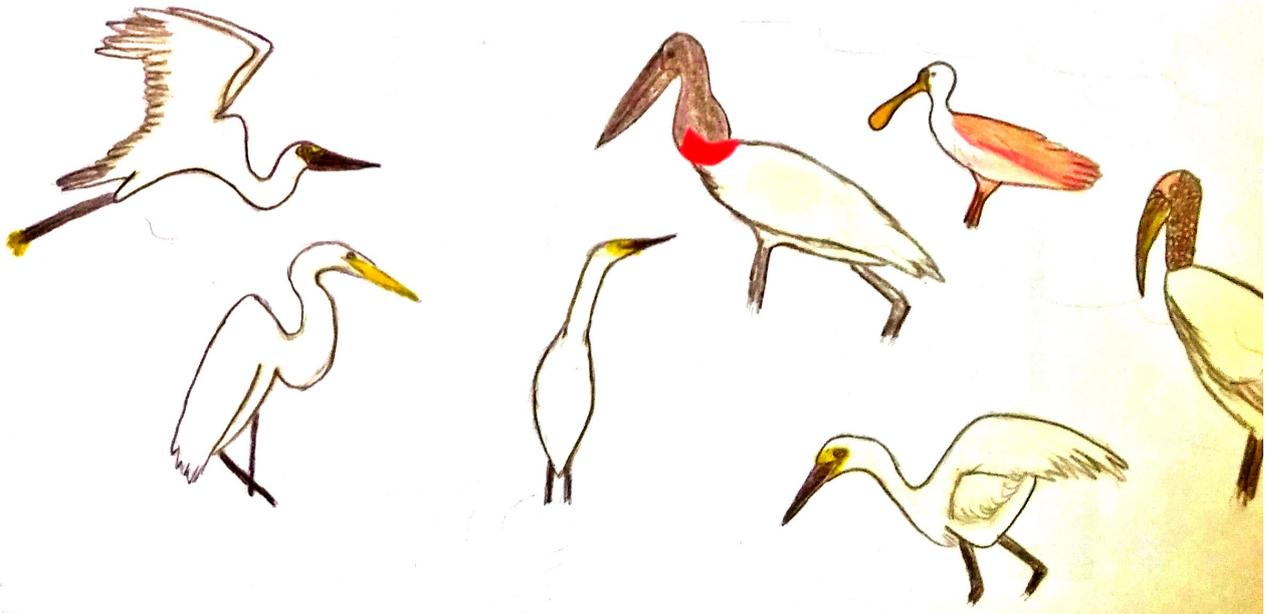
Era uma vez o bem-te-vi que conta estórias, viu algumas pessoas que eram amigas a sair de suas casas e irem para escola, e esses amigos estavam brincando, rindo e conversando pela estrada. Eles ainda não viam a Natureza com um olhar diferente, pois para eles tudo que tinha no Pantanal era comum aos seus olhos, então eles nunca repararam nas árvores e na importância delas, e que uma é de alimentar os animais, e também nunca repararam em como as aves eram importantes, e que muitas delas ao se alimentarem de frutos por exemplo, porque nem todas as aves se alimentam de frutos, elas defecam e a semente dos frutos cai na terra, e assim nasce novas árvores. Toda essa importância esses amigos infelizmente nunca ligaram, porém eles achavam as aves bonitas, pelas suas cores e também pelos seus cantos, mas sempre pensaram que no Pantanal tinha bastante, porque eles a viam bastante e em todos os lugares.

Ao chegarem próximo da escola, viram uma Arara-azul no Pé de Acuri, que é baixinho e também é uma das frutas que elas mais gostam de comer. Então eles mesmo sabendo que era errado, eles atiraram pedras nela, por acharem que era divertido fazerem isso, sem se preocuparem que ela tinha uma família para cuidar, poderia ter filhotes que a esperariam para se alimentar. E eles a machucaram e foram embora falando da história e contaram para seus colegas na escola, como se fosse algo normal atirar pedras nas aves e em outras situações nos ninhos também. Mas depois acabavam se sentindo tristes, mas logo esqueciam.

As pessoas não podem mais machucar os animais, nenhum deles, elas precisam ter consciência do que fazem para deixarem as aves e outros animais viverem bem felizes na Natureza, assim como as pessoas também vivem felizes em suas nossas casas e também no Pantanal. Esses amigos aprenderam a ter consciência depois de um tempo.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

ΤΥΙΥΙΥ



TUIUIÚ

Alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental

Era uma vez o Bem-te-vi contador de estórias estava voando sobre o rio Miranda, no Pantanal, e viu um lago cheio de Garças e Tuiuiús. Os Tuiuiús são aves bem grandes, quase do tamanho de uma pessoa, e se alimentam de peixes, e eles chegam bem próximos as casas em busca de alimentos, porque o chão tem capim e lama e eles também comem insetos e pererecas. Mas o mais bonito que tem na vida do Tuiuiú são seus grandes ninhos, e eles também são muito bonitos com um grande bico preto, cabeça preta, tem algo grande na garganta de cor vermelho, e todas as penas do corpo são brancas.

No Pantanal as pessoas gostam muito dos Tuiuiús, e as pessoas que vem de fora para visitar também gostam deles e ficam tirando fotos. Quando os Tuiuiús voam eles esticam a cabeça e juntam as pernas, no alto não parecem tão grande, mas quando descem são muito grandes. Algumas pessoas ficam até com medo de chegarem perto dele, mas eles logo voam quando as pessoas chegam muito perto.

Bonito mesmo são os ninhos, bem no alto das maiores árvores do Pantanal, são todos feitos de galhos, tudo emaranhado um no outro, e os Tuiuiús fazem esses ninhos com sua família, pelo menos uns três ou mais. Mas o problema, é que os Tuiuiús podem diminuir no Pantanal, porque tem muito corte de árvore para colocar boi e vaca, para plantar capim, depois nascem cajiqueira, goiaba, tem também algumas árvores não muito grande no meio, espalhadas para fazer sombra, mas um monte de árvores grandes não nascem mais. E dessa forma os Tuiuiús podem diminuir porque não tem onde fazer seus ninhos. E sem eles o Pantanal não seria mais tão bonito, mesmo tendo muito outros animais lindos e diferentes. Que as pessoas possam cuidar dos Tuiuiús e das árvores também.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

*Contos utilizados na produção
Pelas pesquisadoras*

JOÃOZINHO, O JOÃO-DE-BARRO



JOÃOZINHO, O JOÃO-DE-BARRO

Mayra Lopes e Maristela Benites

Que o bem-te-vi é uma espécie curiosa e que está entre as aves brasileiras mais comuns quase todo mundo sabe. Basta ficar atento aos primeiros cantos da manhã emitidos pelas aves – mesmo nos centros urbanos – lá estará o inconfundível: “bem-te-vi”! Este som, embora agradável e um convite à vida, sua fama nunca foi das melhores. Diz a lenda que desde o tempo do nascimento do menino Jesus, o bem-te-vi já se mostrava um grande dedo-duro. Era ele quem queria denunciar a presença do pequenino Jesus quando este fora veementemente procurado por um determinado rei que o detestava. Outras populações humanas dizem que se o bem-te-vi cantar sobre uma pessoa e esta for uma mulher, ela deve estar esperando um bebê e certamente escondendo a novidade.

Fato é que a ciência com a ajuda de pesquisadores de várias partes do mundo já conseguiram desvendar parte do mistério do bem-te-vi e do seu canto. Essas pesquisas mostram que, na verdade, o bem-te-vi está sempre atento, e ao primeiro sinal de ameaça – e quando dá tempo, claro – à tranquilidade do ambiente, que pode ser a aproximação de um predador natural (gavião, serpente, lobo e outros) ou a aproximação humana, ele imediatamente assume o papel de informar que algo ali não vai bem e sem pensar duas vezes grita: bem-te-vi! Mas este som é também emitido em outros momentos como no início da manhã. Que bela alvorada! Você já começou o dia com o canto de bem-te-vi?

Como o bem-te-vi está sempre ligado aos acontecimentos, deve colecionar histórias incríveis de seus parentes aves, inclusive de outros bem-te-vis. Na verdade, o bem-te-vi deve ser um grande contador de histórias.

A primeira história que conseguimos dele é sobre o João-de-barro. Ah, e você já observou as cores das penas do João-de-barro e o formato do seu corpo? Joãozinho como é conhecido tem por hábito construir lindas casas sem o uso de qualquer instrumento externo que não seja o barro, de preferência úmido, o bico, e várias batidas de voo para o deslocamento. Ah! E o desejo incansável de deixar sua casa limpinha, arrumada e pronta para ser ocupada. Ele esbanja dedicação e zelo. Interessante que ele não constrói sozinho, sua parceira, aqui vamos chamar de Joana, também ajuda em todos os momentos da construção. É um vai-e-vem o dia inteiro até que tudo termine.

Só outro dia percebi que um deles havia perdido todos os dedos de uma das patas e fiquei a analisar. Hum, como é que esse João trabalha? Fiquei imaginando como isso poderia ter acontecido: os dedos ficaram presos em alguma coisa, já que eles caminham muito pelo chão... Algum predador o prendeu e ele escapou deixando os dedos... Algum humano jogou lixo no lugar errado que acabou prendendo os dedos dele... A Joana o deixou preso na casa amarrado pela

pata... Bem, vamos deixar a imaginação de lado, fato é que ele deve ter se ferido em uma das suas andanças por aí. Mas ainda bem que conseguiu sobreviver. Sobreviver ou viver? Me propus a observar um dia do João e até elaborei um “diário do João-de-barro”: Lá vai o João, procura minhoca, anda mais um pouco, faz umas exposições para a Joana, levanta uma folha aqui, outra ali atrás de insetos e outros bichinhos. Os encontra aqui, ali, voa para o carandá, observa outras aves e o ambiente e vai para o chão de novo. Ele utiliza o chão, a sombra e a copa das árvores. Ah! E quando anda tem sempre um andar faceiro, fácil de descobrir que é um João-de-barro.

Opa!! Um inseto voando, esperem aí porque não posso perder essa!! Hummm.... E lá vai o João-de-barro, aos passos e ao ritmo da vida! E, no Pantanal, como já estamos acostumados, a vida acontece ao ritmo da seca e cheia. Puxa, esse Joãozinho consegue levar a vida tranquilamente, apoiando a pata sem os dedos no chão. Ui, agora me lembrei que também estou com uma coceira debaixo da asa direita e que está pedindo atenção! É, assim é a vida: igual para todos.

Final de tarde, o sol se pondo, o Joãozinho se empoleira no alto da piúva, levanta as asas e canta lindamente com sua parceira fazendo uma dupla perfeita de cantantes! Esperto esse Joãozinho! E eu que me achava o mais esperto de todos! Que lição! Bem, é hora de ir pro poleiro também, mais uma noite vem aí!

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

PEPITO, O PERIQUITO-DE-ENCONTRO-
AMARELO



PEPITO, O PERIQUITO-DE-ENCONTRO-AMARELO

Mayra Lopes e Maristela Benites

Pequenino e tão faceiro, tenho que confessar uma alegre e bonita ave, verde da cor das folhas, havia alguns tons amarelos também, marca amarela no ombro, olhos pretos, bico de cor branco-amarronzada e forte para que possam comer seus coquinhos, parecia gostar de ser livre, sempre estava acompanhado de seus amigos, eu todo sério, e ele tão alegre, cheio de amigos. É, no mundo das aves é assim, há algumas que vivem sozinhas, outras aos casais e outras em bando.

O periquito-de-encontro-amarelo vive em bandos. Observei-o, porque um deles me chamou atenção, era diferente dos outros, era distraído, enquanto seu bando voava a brincar no alto e a comer flores de piúva, um tipo de ipê-roxo que ocorre por essas bandas. Lindo que só. Vi esse periquito se distanciar dos outros, mas sem perceber que se afastava de seu bando, por ver tão saborosa flor.

Numa tarde, de longe vi o bando de periquitos, então fui me aproximando, porém bem desconfiado fiquei quando vi uma menina a pular e cantar próximo a Jaboticabeira em um jardim, então não quis chegar mais perto, mas a vi observar o comportamento e a beleza dos periquitos por horas e por dias, até que a vi emitir um assovio quando um daquele bando de periquitos respondeu com o mesmo som, ele a imitava certinho, e já vi fazer isso com outras aves, sei que a partir daquele dia viraram amigos, ao mesmo horário, todos os dias se encontravam, até deu-lhe o nome de Pepito.

Até que um dia Pepito sem perceber distanciou de seu bando ao seguir o assovio da menina, parece que não achava suficiente ver Pepito alegre e solto, resolveu prendê-lo, sem pensar nas consequências, sem pensar que Pepito tinha uma família e sentiriam falta dele, e não era só mais um a sair da natureza, de seu bando Pepito não poderia ser substituído, e na natureza não era mais um, e sim menos a ajudar a replantar as árvores, que somem todos os dias.

Certa vez me deparei com um monte de periquitos, muitos mesmos a dizer que Pepito havia sumido há quase uma semana, que ele nunca tinha desaparecido por tanto tempo assim. Preocupei-me e fui ao Jardim que sabia que ficava as tardes, chegando lá só ouvia risadas, então fiquei curioso para saber o que acontecia, adentrei ao Jardim ao som da voz e cheguei a uma casa bem grande, lá na janela estava a menina e para a minha alegria ou tristeza Pepito estava lá, porém preso em uma gaiola.

Fiquei a me perguntar o que eu iria fazer, Pepito tinha amigos, tinha família, pai, mãe e irmãos, e todos estavam tristes pelo seu sumiço, a Natureza também sente falta do que faz parte dela. Então via Pepito a adoecer naquela gaiola, ele e todas as aves nasceram para voar e serem livres e não serem presos. Vi que a menina não fazia isso por maldade, mas porque queria Pepito só para ela, tinha medo de que ele fosse embora, por ser tão seu amigo.

Então vi a menina a chorar e a conversar com seu tio, parecia estar cansado, acho que tinha acabado de chegar de alguma viagem, um homem que aparentava ser amante da natureza, sábio, e resolveu aconselhar sua sobrinha, dizendo a ela como se sentiria se alguém a roubasse de sua família, levasse talvez para o mais belo quarto de princesa, porém não poderia sair dali nunca, nem mesmo para brincar lá fora, estava presa, sem poder se defender, pois nem seus pais e irmão estavam ao seu lado para lhes proteger, estava sozinha.

A partir de então a menina triste ficou por ver Pepito em sua gaiola, finalmente ela tinha percebido que Pepito, aquele periquito só seria feliz sendo livre e voando, e abriu a gaiola. E disse a menina ao seu tio que nunca mais iria fazer isso, e que não permitira que ninguém fizesse isso também, que se visse alguém prender animais tirados a força da natureza, ela iria... Então em silêncio ela ficou, pensou e perguntou ao seu tio o que ela poderia fazer para ajudar animais como Pepito e muitos outros, o tio todo feliz respondeu, me chame, pois minha equipe juntamente comigo, os protegerei, pois a policia ambiental serve para isso.

Pepito voltou para sua família e amigos, e mesmo assim toda tarde ele iria juntamente com outros Periquitos ao Jardim, próximo a Jaboticabeira estar com sua amiga menina, por muito tempo. Então a menina aprendeu a deixar na Natureza, o que faz parte dela, e Pepito a nunca se separar de seu bando, pois os mesmos o protegem.

Que lição! E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

TUCANO



TUCANO

Mayra Lopes e Maristela Benites

Numa tarde de inverno, avistei uma das mais lindas e populares aves do Brasil, tinha cor preta, garganta branca, peito alaranjado, cauda preta e acima da pena da cauda, havia penas de cor vermelha, em volta do preto do olho é azul e o mais bonito é o longo bico amarelo e laranja, seu nome era Tucano. Ele se alimentava no pé do Jenipapo, quando de repente ouviu um barulho, eu também ouvi esse barulho, ficamos assustados e vimos um homem com um machado na mão batendo no tronco do Jenipapeiro que sentia bastante dor, parecia ser bastante amiga do tucano.

Com muita tristeza no olhar, vimos o Jenipapeiro a cair e a morrer devagar a cada batida daquele machado, o Tucano transmitia pelo seu olhar uma imensa dor em seu peito, pois aquele que lhe dava alimento (jenipapo) ajudando a tornar suas plumagens mais bonitas e bicos mais fortalecidos, abrigo para ele, seus parente, seus filhotes e que era seu amigo sendo destruído para servir de lenha com seu tronco para acender a fogueira da festa que acontecia nessa região Pantaneira.

Sem ter o que fazer da tragédia, vi que o tucano se distanciou, voou para um lugar bem longe dali, então o segui, e no silêncio da mata pude ouvir alguém a falar com ele, só ouvir, procurei saber que era o dono daquela maravilhosa voz e mansa, mas não enxerguei, dizia ao Tucano que devido a bondade que ele tinha em seu coração, suas ações eram boas, iria fazer dele e de todas as aves, ajudantes da natureza, fazendo com que elas fizessem grandes amigas árvores, como o Jenipapeiro que havia morrido.

Fiquei tão assustado com aquela voz que falava com o Tucano, mas ao mesmo tempo tão feliz, pois ele disse que todas as aves fariam amigos, só precisava comer seus frutos e defecar na terra, pois junto de suas fezes havia as sementes dos frutos, que cairia na terra e dali nasceriam novas amigas árvores, crescendo a cada dia, tornando nossas vidas bem mais felizes.

Então vi o Tucano sair daquele lugar e voltar para o local da morte de sua amiga, e segui-o novamente, e vários Jenipapeiros o chamaram, convidando a pousar em seus galhos, me chamaram também, apesar de não comer Jenipapos, fiquei feliz em ver outras aves a festejar e participar daquele banquete de Jenipapos juntamente com o Tucano, sabendo que seriam importantes para a manutenção e restauração da natureza. E espero que aquele homem não faça mais isso, pois vi no olhar do Tucano a dor de perder seu amigo que sempre o fez tão bem, sem falar

no mal que o homem faz mal a si mesmo, pois é das árvores que saem muitos de seus frutos, de remédios, e o mais importante eles precisam dela para respirar e viver suas vidas saudavelmente.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

ARARA-AZUL



ARARA-AZUL

Mayra Lopes e Maristela Benites

Final de tarde, foi-se mais um dia de trabalho, me preparava para dormir, já estava satisfeito, meus filhotinhos estavam alimentados, as cigarras já começavam a cantar, já conseguia ouvir o canto de meu amigo Urutau, morcegos acordando, vagalumes chegando, grilos saltitando, sol já ia sumindo e a lua aparecendo.

Quase chegando em casa, avistei a Arara azul terminando de dar a última refeição para seus filhotinhos, eram sementes de palmeiras, imaginem só ararinhas, não com a plumagem azul como a dos pais, eram quase sem penas e bem frágeis, pequeninos e totalmente dependentes para darem seu primeiro voo, aprenderem a buscar seus próprios alimentos, fugirem de animais que queiram pegá-los e comê-los, enquanto são ainda bebês seus pais precisam cuidá-los e protegê-los até se tornarem juvenis. Não sei por que, mais havia adorado ver aquela cena, tive mais vontade ainda de chegar rápido em casa para estar com minha pequena família naquele dia.

Naquela noite, estava eu com muito sono, todos já estavam dormindo. Acordei assustado, isso nunca havia acontecido comigo antes, ainda era de noite, madrugada, o som entristecido de uma mãe Arara soava na mata, acabara de perder com toda crueldade seus filhotinhos, da cena mais bonita que horas antes eu tinha visto, me deparei pela madrugada com a pior cena.

Em meio a mata vi o ninho com os filhotinhos serem colocados em caixas e serem levados por um animal bem grande, tinha olhos como eu tenho, tinham patas bem grandes, eram grossas, com 5 dedos, tinham uma asa, mas não era bem uma asa, eram compridos com 5 dedos, tinham um bico com formato diferente e falavam, tinham um corpo comprido e caminhavam sobre duas patas, eu não podia contra eles. Depois de alguns dias descobri pelo sábio da natureza que tinham o nome de seres humanos, mas o sábio também disse que nem todos eram como aqueles, havia seres humanos que nos ajudavam também, no momento não consegui entender como poderiam ser bons.

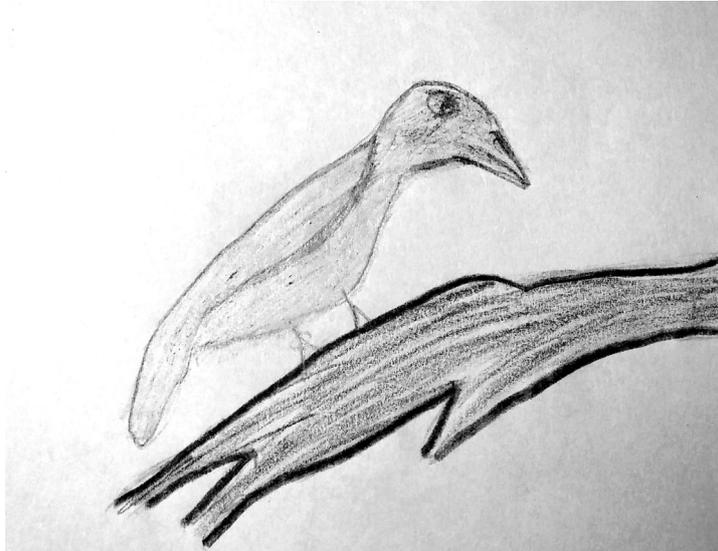
Anos seguintes, outros seres humanos chegavam à natureza, mas agora era começo da manhã, cheios de caixas, fiquei com medo e entristecido só por vê-los, esses eram diferentes, andavam vestidos iguais, e o sábio o chamava de polícia ambiental. Mas imaginem só a minha felicidade quando daquelas caixas vi sair muitas, muitas araras azuis juvenis, não sei se eram aquelas que pegaram naquela madrugada, pois havia penas coloridas já, com a base do bico e

em volta do olho amarelo, penas do corpo inteiram azuis, e então as mesmas alegraram a floresta com seus cantos, proporcionaram um ambiente mais bonito, acho que até o sol brilhava com mais intensidade.

Os anos se passam e até hoje, sou velho e vejo as histórias se repetirem, seres humanos continuam a vir e pegar filhotes e outros a trazerem de volta, confesso que já vi muitos morrerem por não conseguirem se cuidar por contra própria ao se tornarem juvenis, pois não foram ensinados por seus pais e sim por aqueles que não sabem ciscar e nem voar como nós sabemos, um modo de vida diferente, por outro lado também existem os que sobrevivem e continuam a alegrar esse belo lugar natural, o único lugar que proporciona uma vida saudável para minhas amigas aves, além de muitos outros como onças, macacos, tamanduás, cobras, etc. de onde nunca deviam sair.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

CURIÓ, CURIOSO



CURIÓ, CURIOSO

Mayra Lopes e Maristela Benites

Se curiosidade mata não sei, mas que assusta isso sim! Eu nem queria pegar nenhum curiozinho! Fui chegando perto do ninho, já que filhotinhos me agradam muito, você sabe. Ah! E de vez em quando são apetitosos também! Mas outro dia vendo minha querida companheira bem-te-ia, partiu meu coração, me deu pena e eu senti vontade é de dar uns cascudos em mim mesmo!

Nossa ninhada nasceu: três bem-te-vis que esperavam bem-te-viver e levar uma vida livre e feliz na natureza. Porém em uma das primeiras saídas do ninho, um carcará acabou levando a melhor e comeu um dos nossos filhotes. Até àquele dia, o ninho era só festa quando chegávamos, uma verdadeira bem-te-vida! Bem-te-vi daqui bem-te-vi dali, bem-que-eu-queiro comer daqui, bem-que-eu-queiro-encher-o-papo-logo dali! Até que um dia fomos pegos de surpresa com a visita de um carcará. Ah! Como sofri, mas bem-te-ia sofreu mais! Primeiro com o desespero de ver o carcará levando nosso filhote, como lutei ao lado dela e como ela foi valente em proteger os outros filhotes que ficaram. Foi uma lição pra mim. Depois disso passei a repensar sobre pratos apetitosos feitos de filhotinhos. Estive na condição de perder um filhote e não foi nada bom.

Bem, mas curiós como se sabe são daquelas aves que cantam, cantam e cantam. Nada tão lindo como o nosso, claro. Bem-te-vi! Bem-te-vi como soa bem! Bem, mas os curiós, curiosamente chamam a atenção dos seres humanos por seu som. Ele é pequeno. O macho é preto com marrom e a fêmea marronzinha. Se faltou tamanho, sobrou força no bico. Ele é capaz de quebrar sementinhas duras do capim-navalha para se alimentar. E como pode de um bico tão curto sair som tão alto!

Outro dia enquanto saía para me alimentar no campo alagável cheio de capins e flores onze-horas, lá estava um ninho pequeno, arredondado sobre pequeno ramo de jurubeba. Fui lá espiar, pois como disse, tenho afeição por ninhos e filhotes! Não percebi que os pais curiós estavam a pouca distância morando neles a curiosidade sobre minha presença por ali. Cheguei mais perto e a curiosidade dos curiós também aumentou assim como sua aproximação a mim. Afinal, o que um bem-te-vi estaria fazendo olhando para um ninho cheio de pequenos mimos? Nem sabiam eles que eu estava ali só para saber se os curiós nascem como os bem-te-vis... Acho que não convenci os pais, que partiram pra cima de mim com tudo. Apesar do tamanho, os adultos se mostraram gigantes e com toda força me expulsaram dali. Justo eu, tão indefeso e inofensivo. Não sei por que levei tanta bicada! Que bico! Curto, de ponta fina, mas pesado e

possante. Quase conseguiram me depenar. Curió, curioso e furioso, não queira ver. É, por isso não podemos julgar os outros pelo tamanho. Cada um tem a sua força. O pior é que outros curiosos também se aproximaram e começou aquela algazarra. Que mico! Como puderam destratar logo um bem-te-vi! Após me afastar com a cuca toda dolorida, o macho começou a cantar e por muito tempo assim permaneceu.

Então comecei a pensar: se o curió canta tão lindo e alegre a vida das pessoas, por que elas o prendem? Como ser prisioneiro e feliz? Não seria mais sábio ver os curiós cantando livremente na natureza, comendo quando quiserem e o que quiserem? Vivendo junto de quem quiserem? Seria mais fácil agradecer. Haveria coisa tão simples e bela como ser presenteado pelo canto feliz de um curió em liberdade? Poder ouvir e sentir o som se misturando com o ar puro, com as cores, sons e cheiros naturais? Isso não seria um pouco da tal qualidade de vida que as pessoas tanto desejam? Ah! Seres humanos: como são confusos e egoístas! Duvido que cantariam tão lindamente como os curiós se estivessem presos como muitos deles ficam nas casas de seus temíveis donos! Como ser dono da natureza? De algo tão grandioso? E que para continuar grande é preciso ser livre. Os próprios humanos dizem que ninguém é de ninguém! Até tento, mas não entendo isso. É demais para a cabeça bem-te-vivida.

Apreendi muito nessas andanças pantaneiras, já fui bem-te-vi-verei, bem-te-vejo, bem-te-vi e acho que hoje sou um feliz bem-te-vô! E sei que curiosidade se não matar passa bem perto disso!

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

CORUJA-CABURÉ



CORUJA-CABURÉ

Mayra Lopes e Maristela Benites

Bem-te-vi, Bem-te-vi! Epa! Mal-te-vi, mal-te-vi! Não fui eu! Por que todos estão olhando para mim dessa forma com cara de mal-te-ver? Só pousei nesse galho para avistar algo apetitoso para comer. Ufa! Comigo não é, pois passou por mim uma ave furiosa, acho que alguma briga acontecia próximo a mim. Fui me aproximando e em meio à confusão avistei aquela corujinha de plumagem amarronzada com rajados no peito, cabeça estriada e de olhos amarelos. Ah só podia ser a caburé, sempre causando alvoroço no meio da bicharada! Quem não a conhece ao ouvir seu canto alto e agudo “pu, pu, pu, pu”, vai logo pensar que se trata de uma ave enorme. Apesar de pequenina tem um canto poderoso que chega a ser irritante aos nossos ouvidos, e quando começa a cantar parece que não vai mais parar. Ela pode cantar tanto de dia, quanto de noite, ou seja, é ativa tanto de dia quanto de noite. Quando ela está por perto muitas aves se aproximam para espantá-la e é aquela confusão. Como algumas não têm costume de viver próximo uma das outras, é aquela briga por poleiro, por comida, e todos dando alarme de que a caburé está por ali. É só prestar atenção!

Puxa, esse som prolongado parece que nos acompanha aonde formos. Então, quanto mais distante eu ficar... Pronto, maravilha! Agora sim, o som da água batendo nas pedras e no barranco, como é gostoso esse lugar, muitas delícias nadando, bem-te-vi, bem-te-vi, é impossível não se alegrar! Mais alguns peixinhos aqui, insetos ali e já volto para o ninho, não muito distante daqui. De volta para casa, para cortar caminho, passei por um capão e avistei outra caburé, espero não ouvi-la caburezar, digo, cantar por essas bandas. Tive uma brilhante ideia: vou vagarosamente me aproximar para conversar e pedir para não cantar tão próximo ao meu ninho.

Bom-te-ver, Bom-te-ver dona Caburé! Ela parecia me ver, mas não me ouvir. Acho que ela não fala a minha língua. Fiquei parado por alguns instantes, à espera de um sinal, de repente ela virou a cabeça e para minha surpresa e susto: mal-te-ver, mal-te-ver, quatro olhos, dois de um lado da cabeça e dois do outro, desesperado fiquei. Afinal, quais olhos são os verdadeiros? É melhor eu sair voando rápido: bem-de-fininho, bem-de-fininho! Só ouvia a batida do meu coração acelerado “tuc, tuc, tuc”. Passado o susto, pensando bem, acho que não deve ser tão ruim assim ter quatro olhos, boa tática essa hein dona Caburé para fugir dos predadores e abocanhar as presas desavisadas! Quem dera se eu pudesse obter essa tática também, e driblar o perigo quando se aproximasse. Que nada, meu canto é muito mais assustador! Bem-te-vi, bem-te-vi! É, precisamos valorizar o que somos e temos! Ter quatro olhos é parecer assustador demais. Ser

vigiado e afugentado por todos nem sempre é tão bom assim! Cada um deve procurar ser feliz com o que tem. Xii, começou a cantaria e vem confusão por aí, com certeza.

Por curiosidade, vou ficar por aqui mesmo e ver como a confusão há de terminar. Hum, chegou meu amigo Sanhaçu, curioso e um tanto irritado. Te-viii! Ah, chega também o ferreirinho, como ele é pequeno e gracioso! Agora chegam também o casal de choca-barrada, o arapaçu-do-cerrado e a ariramba. Com tantos rasantes e batidas de asas sobre ela, apesar de parecer não dar a mínima, a caburé sai dali, voando para outro galho do ingazeiro. Irritadas, mas cheias de coragem, as aves que se aproximavam não desistiam de tentar espantar a caburé, piando, fazendo muito barulho, e instalado está o alvoroço. Te-viii, te-viii! Ei! Parece que meu amigo ferreirinho está morto, muitas bicadas ele levou. Triste eu fiquei enquanto a caburé se alimentava. Então pude perceber que essa era sua forma de buscar o alimento, atrair as aves com seu canto para depois se alimentar, além de avisar a outras caburés quem domina o espaço.

É triste perdermos um amigo na natureza, mas é assim que alguns sobrevivem, se a caburé não tivesse se alimentado do ferreirinho, provavelmente estaria com bastante fome. Acredito que cada espécie tem seu hábito alimentar e alimentos diferenciados que lhes são próprios. O pica-pau-de-cabeça-vermelha, por exemplo, se alimenta de larvas de insetos que ocupam os troncos, e, ao perfurá-los consegue capturar as larvas. As Araras-azuis aqui no Pantanal se alimentam da castanha do acuri, da bocaiúva. O curió se alimenta de sementes de capim, por exemplo, do capim-navalha. O João-de-Barro se alimenta de minhocas no solo. O Sanhaçu se alimenta de frutos maduros, às vezes insetos e até folhas, e a Caburé se alimenta de pequenos vertebrados como as aves, sapos, lagartos e também insetos. Ah! E com isso ela e outras aves ajudam a controlar a quantidade de insetos soltos por aí, de sapos e outros animais. Opa, enquanto eles brigam... Olha um gafanhoto passando ali, vem cá, não foge não petisco! A caburé me traz é muita sorte! Bem-te-vi! Bem-gostoso! Glub: nós nos alimentamos para sobrevivência e não por diversão ou maldade. Infelizmente existem humanos que fazem isso, pois já havendo o que comerem, caçam ou matam por maldade, diversão, para satisfazer seu desejo de domínio sobre o outro, muitas vezes para pura exibição. Na natureza tudo é interligado e cada ser existente contribui para seu equilíbrio, nada sobra, mas faltando um, tudo pode estar comprometido. Bom mesmo estar em paz consigo e com os outros. Vivendo e aprendendo cada dia mais um pouquinho. Bem-te-vi, Bem-que-eu-vi.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

GRALHA-DO-PANTANAL



GRALHA-DO-PANTANAL

Mayra Lopes e Maristela Benites

Hoje vou falar sobre a gralha-do-pantanal. Ela vive não só no Pantanal, aqui em Mato Grosso do Sul, mas também nos estados de São Paulo, Goiás, Paraná, entre outros. É, as gralhas vivem a galhar por aí. Minha ave favorita de perseguição – opa! Mas uma perseguição benéfica, apenas com os olhos! - pois admiro sua coragem e determinação e sua grande capacidade de união e companheirismo, eu acho que o homem também as admira, pois os vejo observando e tirando fotos de sua admirável beleza, pois apresentam penas que na sombra são pretas, enquanto que na luz do sol, se tornam violetas.

São tão corajosas que vão até a mão do ser humano para pegar alimento. Mas não recomendo a ninguém, pois os humanos nem sempre oferecem a melhor comida, além de nos manter mal acostumados às vezes, prejudicam nossa forma natural de alimentação... Sem contar que pode ser uma terrível armadilha! Ou uma jaula sem grades reais! Melhor mesmo é ter um ambiente de boa qualidade com muito recurso onde nós mesmos podemos buscar nosso alimento. Por isso mesmo que a minha família tenho que cuidar, porque meus filhotes ela pode vir pegar para comer, parece estar com fome sempre, e come de tudo que encontra. Já vi em seu bico insetos, frutos, filhotes de outras aves, entre outros tipos de alimento. E elas são tão barulhentas, qualquer irritação logo soltam o CráCrá...

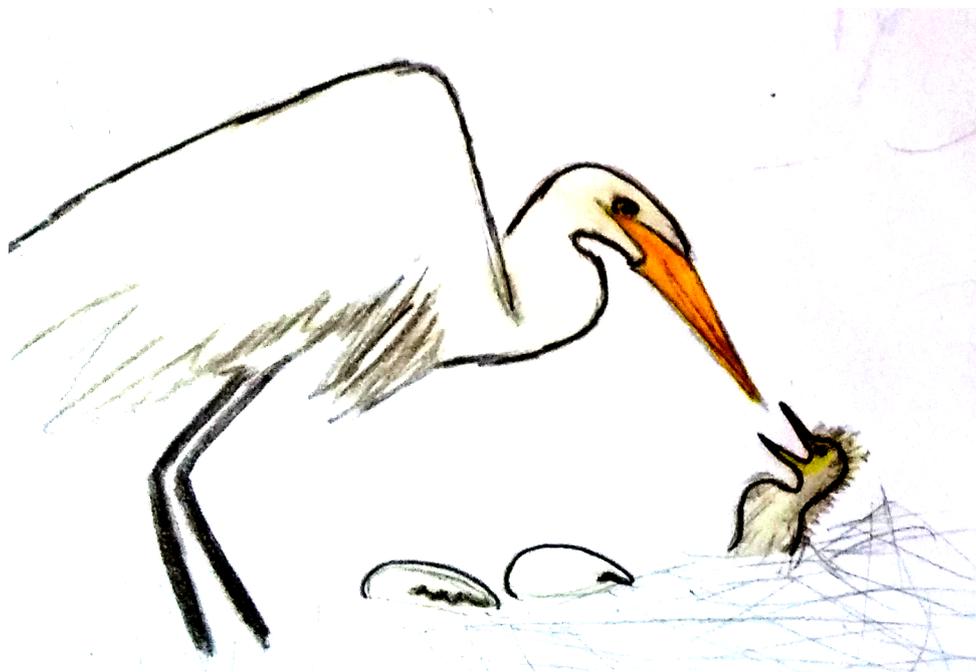
Em uma de minhas perseguições para retirar de seu bico o alimento que seria meu, muito longe eu fui, havia muitas árvores, muitas emboscadas de galhos, então tive que pousar e observar. Em meio aos gravetos cabecinhas eu vi sair, e fiquei a me perguntar por que criar seus filhotes em lugares tão difíceis de chegar, mais perto me aproximei, e quase surdo eu fiquei com tanta gritaria. Eram uma família inteira com seis gralhas a buzinar em meu ouvido CráCrá... Logo então percebi que todas se unem para cuidar dos filhotes. Antes mesmo de achar bonitinho, saí desesperado dali, senão eu iria virar refeição de gralha só com os olhares bravos delas. Ficamos furiosos quando alguém tenta atacar nosso ninho e filhotes! Afinal muito preparo para a reprodução que não pode ser fracassada.

Puxa que coragem, união e determinação, coragem por não ter medo de enfrentar quem quer que seja e se de repente sentir-se ameaçada, vão gritar sem parar; união para juntas cuidar dos filhotes, defenderem o território, e mesmo quando achamos que tem uma sozinha, é só soltar seu CráCrá para logo o batalhão de galhar despontar na vegetação. Disposição para irem à

busca de alimento e vontade para criar seus filhotes, ensinando lhes a, pois também serão adultos e certamente repetirão os mesmos comportamentos.

Que lição não é mesmo? E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

ALBINHA, A GARÇA-BRANCA



ALBINHA, A GARÇA-BRANCA

Mayra Lopes e Maristela Benites

Era uma linda manhã ensolarada, só se ouvia o canto de minhas amigas e amigos aves. Ah! E tinha o som das correntezas do rio, do vento ao bater nas plantas e desviar das árvores, das flores do tarumã ao cair no chão e decorá-lo com a linda cor lilás, os filhotes da bela ave de bico encurvado, curicaca-cinzenta, no alto da piúva, meu amigo João-de-barro que logo cedinho já trabalha em sua casinha, as borboletas do campo se saciando com o mais gostoso néctar das flores: perfeita ordem da natureza. Puxa! Bem-te-vi! Que bela alvorada no Pantanal! E quanta coisa para ver e sentir!

Na beira de uma baía fui buscar meu alimento, o mais delicioso peixinho, afinal peixe é o que não falta no Pantanal. Depois de alimentado, papo cheio, é hora de cuidar das penas, me livrar de alguns piolhos e descansar um pouco no alto de alguma árvore. Só naquele instante percebi que estava em um lugar muito especial e cheio de novidades. Que palavra bonita essa: novidade! Nunca parei para pensar nela! Será que tem a ver com o que estou vendo? Novidades?! Hum, acho que é isso! Bem-que-eu-vi! Bem-te-vi: o cara das novidades!

Voando então para o alto do cambará, a curiosidade me foi mais forte, quando por alguns minutos, vi um ovinho quebrando lentamente em meio aos gravetos: o que era aquilo? Bom-te-ver filhotinho! Me aproximei um pouco mais, mas nem tanto porque umas garças bem grandes estavam fazendo a guarda. Nesses casos não é bom incomodar... Só agora percebi que havia mais de cem garças por ali. Tinha garça-branca-grande, garça-branca-pequena, colhereiro, centenas de cabeça-seca. Puxa! Estou no meio de um ninhal! Nunca tinha visto um durante essa minha looonga existência e experiência bem-tivesca. Daí a barulheira toda! Mas um ninho em especial me chamou a atenção. Era tão pequenina aquela avezinha, tão delicada e sensível, mas aí me veio a pergunta: É uma nova-idade de garça-branca-grande ou da garça-branca-pequena? Filhote é tudo igual mesmo, tudo nasce com cara de lagartixa! Bem, não que eu não saiba, afinal desconfio de muita coisa... Mas... Quais são mesmo as diferenças entre essas duas garças: branca-grande e branca-pequena?

Ela era bem pequenina, branquinha, do bico amarelinho e das patinhas pretinhas. Ao seu lado vinha chegando sua bela mãe garça-branca-grande que trazia em seu bico um dos meus alimentos favoritos: um peixinho para dar para seu pequenino filhote que acabara de nascer. Que vontade de ganhar um também! Bem-te-vi, Bem-que-eu-quis, Bem-que-eu-quiero! Não

ganhei nenhum, acho que a nossa língua, o bem-te-vês não é muito compreendido pelas garças.

O tempo foi passando e sempre que podia gostava de ver a garcinha que coloquei-lhe o nome de Albinha. Gostava de vê-la crescer e o tempo tornava suas penas e plumagem muito mais belas. Vi seus primeiros saltos e tentativas de voo. Toda atrapalhada! Não me lembro de ter sido assim algum dia! Quando aprendeu a pescar pensei: xii, mais um para disputar comigo e... Dei risada! Afinal, no mato, alimento é o que não falta!

Um tempo depois, era época de seca e por algum motivo os peixes haviam sumido. Tivemos que procurar outro tipo de alimento. Como nós bem-te-vis comemos de tudo, alimento não é difícil encontrar, mas por alguns instantes fiquei a me perguntar sobre a Albinha que é uma ave aquática e se alimenta de peixinhos. O que estaria comendo? Estaria passando fome? Então fui procurá-la para saber se estava bem.

Procurei quase o dia inteiro perto de rios, baías, corixos, mas nada, não a encontrei. Em uma de minhas voanças por aí, passados alguns dias, a água do rio já estava muito baixa, os bancos de areia já ocupavam bastante espaço nos barrancos, algumas árvores já estavam com suas raízes fora d'água, e, finalmente encontrei Albinha. Bem-que-eu-vi! Bem-que-eu-vi! Estava em um pequeno corixo cheio de lama. Como a reconheci? Ah, é uma longa história, depois eu conto!

Fiquei ali por vários instantes observando como ela estava e do que se alimentava. Vi que ela pescava várias coisinhas que pareciam bem apetitosas. Notei que ela ficava só de tocaia, e, de repente, ao bicar a água já trazia algum alimento aprisionado no bico. Puxa, quanta pontaria! Para minha surpresa ela também se alimenta de sapos, rãs, pererecas, jacarezinhos, insetos e outros animais que ficam na água. Fiquei a pensar como a natureza é perfeita. Se ninguém a perturbar nunca nos faltará alimento. Se o ser humano mantiver nossas plantas nativas, não desmatar, não queimar, não retirar o pescado na medida errada e respeitar a mãe natureza como um todo, eu, Albinha, outros bichos e mesmo os seres humanos que também pertencem à teia da vida seremos mais felizes.

E não pense que essa é só uma “estória de BEM-te-vi”!

CD - ROM Encartado

Índice do CD-ROM

Registros fotográficos e em vídeos das atividades pedagógicas que foram desenvolvidas pela pesquisa intitulada “VIVÊNCIAS NA NATUREZA, PRODUÇÃO E CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS DAS AVES DO PANTANAL: ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL”, que resultou nas estórias do presente livro de história infantil.

1 - Registro 1. Atividades pedagógicas desenvolvidas na Escola Jatobazinho.

2 - Registro 2. Atividades pedagógicas desenvolvidas na Escola Municipal Rural Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e extensões.

Posfácio

Educar para a sensibilidade, é um dos maiores prazeres e motivações que tenho como profissional de ensino e educadora ambiental. Certa vez, me deparei com uma citação de Manoel de Barros, que dizia assim “Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves”, esses desejos quando descobertos, precisam ser compartilhados, para que outros possam obter o mesmo olhar perceptivo.

Ao iniciar meus anos de graduação em Ciências Biológicas Licenciatura, conheci uma maravilhosa equipe de ornitólogos e estudantes que desenvolviam projetos com avifauna regional, no Pantanal, em seguida apresentei um projeto a eles, e fui convidada a nos unirmos e trabalharmos com os alunos da Escola LAMPC, que eram de comunidades ribeirinhas.

A experiência de trabalhar avifauna regional e educação ambiental em uma escola pantaneira, sob orientação de uma pesquisadora ambiental, mudou por completo o meu olhar para a educação escolar e para a Natureza.

Para enriquecer essa experiência, busquei um referencial teórico que me permitisse dialogar com os alunos, e inserir nos conteúdos ministrados elementos do cotidiano deles, para que o mesmos pudessem aprimorar suas percepções e identificar as problemáticas ambientais para então promover sua defesa, e por conseguinte promover as mudanças de suas ações para a transformação da realidade. Nesta perspectiva seria possível educar ambientalmente os alunos de forma gradativa, contínua e eficaz.

Ao cursar o Mestrado em Ensino de Ciências, tive uma nova oportunidade de dar continuação ao trabalho de graduação, porém com duas Escolas Pantaneiras - Escola LAMPC e Escola Jatobazinho.

A primeira visita que fiz a Escola pantaneira Jatobazinho, fiquei surpreendida pela sua excelente infraestrutura e educação. Não visitei escola urbana ou de campo, que esteja no nível de ensino e estrutura que dessa escola.

Para chegar a Escola Jatobazinho só é possível por meio de barco, são duas horas aproximadamente de percurso, pelo rio. Duas horas de belas visões da fauna e flora da região. O Pantanal é belíssimo, nessa região há abundância de vegetação nativa, de diversidade de aves, há

um brilho nas águas, vistos somente em certos ângulos, causados pelo Sol, sendo esses detalhes de valor e importância, e que nos sensibiliza a defender esse patrimônio natural com maior insistência e zelo.

Ao visitar as casas ribeirinhas dos pais dos alunos, para assinatura dos documentos pedidos pelo Conselho de Ética, pude conversar com senhores idosos, jovens, crianças e adolescentes, e em cada diálogo me ficou um aprendizado. Em cada fala, um vasto conhecimento sobre a diversidade faunística local, bem como maravilhosas ações receptivas, carinhosas, com a beleza da simplicidade e humildade deles. Pude também observar as problemáticas ambientais de cada local percorrido para contextualizar as histórias presentes na pesquisa.

Ao primeiro contato que tive com os alunos, me deparei com olhos desconfiados, mas muito curiosos. Aves foi o tema de aproximação entre eu como pesquisadora e eles. Eles gostavam de falar de Aves e compartilhar de seus saberes sobre elas. Saberes esses que vinham de casa, pois até os menores, que não sabiam ler e escrever ainda, tinham um vasto conhecimento sobre as espécies desse grupo biológico.

O diálogo foi muito importante para a interação em sala de aula. A cada atividade realizada, havia neles muita empolgação e ansiedade para chegar as próximas aulas. Nos refeitórios e intervalos os alunos catavam as músicas que foram trabalhadas na pesquisa, e por muitas vezes achei que seria derrubada pelo agrupamento de crianças que queriam compartilhar das aves que viram no campo da escola, ou das experiências que já tiveram no Pantanal e que estavam relacionado as aves.

A cada conversa com eles, uma convicção de que eles se tornavam a cada dia um pouco mais perceptivos e também críticos, vistos pelos julgamentos que expressavam em seus rostos ao identificarem uma problemática ambiental em seu Meio.

Acabou a pesquisa, mas os aprendizados são duradouros e as cartinhas de agradecimento, sem serem pedidas, também.

É com muito prazer que escrevo sobre esses alunos que tanto nos ensinam, quanto ensinamos. E deixo com grande ênfase aqui, que bom seria se tivessem mais educadores ambientais nas escolas, e não estou falando de uma nova disciplina, mas sim de professores-educadores ambientais independentes de seus cursos de formação.

Agradecimentos

Foram meses de desempenho, rodeada por pessoas que contribuíram para o enriquecimento dessa pesquisa. Como já fiz os agradecimentos na Dissertação, deixo aqui três agradecimentos em especiais pela produção desse livro de contos infantis.

À Deus primeiramente, porque Ele me ensinou a ouvir, reter os conselhos bons e aprender com as experiências, que me direcionaram por caminhos de grandes conquistas. O Mestrado é uma grande conquista e benção para minha vida. Pela força e ânimo para nunca desistir. Pelas portas abertas para que tudo ocorresse bem, e pelos cuidados que Ele teve comigo enquanto eu estive longe dos meus familiares. E principalmente por me ensinar a amar, sendo a maior especialidade Dele, e o melhor método pedagógico de todos para a eficácia do ensino.

À minha orientadora Icléia Albuquerque de Vargas, que me foi um exemplo de profissional de ensino, bem como me abriu as portas para que eu pudesse realizar essa pesquisa nas Escolas de Corumbá. Que teve dedicação em me orientar, que me motivou com elogios, e me fez acreditar desde o início que essa pesquisa teria resultados importantes para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos e para a minha formação. Eu a agradeço pelas importantes contribuições de aprimoramento desse livro.

À Maristela Benites da Silva, pesquisadora ambiental do Instituto Mamede, que me apresentou a ideia desse livro de histórias infantis durante a Graduação. Foi ela quem desenvolveu comigo as histórias infantis que foram trabalhadas com os alunos. Muito eu a agradeço pela dedicação naquela época de ter me orientado, pois até os dias atuais sigo o exemplo, os conselhos e ensinamentos me dados por ela.

Obrigada!!!

Ilustrações

Os desenhos que ilustram este livro foram pintados pelos alunos de ensino fundamental, das Instituições de ensino municipais (EM): Escola Municipal Rural Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e estensões (LAMPC) e Escola Municipal Jatobazinho, ambas situadas em regiões do Município de Corumbá, MS, no ano de 2015.



EM LAMPC
Corumbá, MS



EM LAMPC
Corumbá, MS



Mayra Lopes Nogueira
Campo Grande, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



Mayra Lopes Nogueira
Campo Grande, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM LAMPC
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



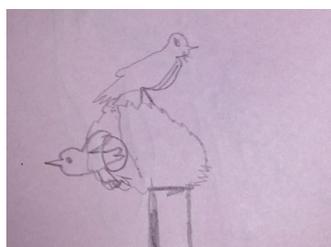
EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM Jatobazinho
Corumbá, MS



EM LAMPC
Corumbá, MS



EM LAMPC
Corumbá, MS



EM LAMPC
Corumbá, MS



Mayra Lopes Nogueira
Campo Grande, MS

